

Especial

Medos e pesadelos

No início, a atriz e influenciadora Dora Figueiredo, 30 anos, queria ser como as meninas que via nos filmes e nas revistas. Durante boa parte da adolescência, usou personagens do mundo cinematográfico como referência de um perfil mais padronizado, em busca do que acreditava ser “belo”. Assim, permaneceu acreditando que aquele biotipo de mulher mais magra era o melhor para si. Dessa forma, apesar de comer muito, não gostava tanto de ser esquelética, como Dora descreve.

Mas, quando a primeira menstruação veio, seu corpo, naturalmente, passou a mudar. Gorduras localizadas, inchaço corporal e hormônios à flor da pele. Tudo isso, infelizmente, aliado ao começo do que faria Dora lutar pela vida por muitos anos. “O maior pesadelo e medo que eu tinha era de ser gorda. Eu demonizava essa palavra e preferia fazer qualquer coisa do que ter mais de 60 quilos”, relata. A sociedade, de acordo com ela, influenciou bastante na maneira como enxergava padrões estéticos.

Esse receio fez com que Dora desenvolvesse hábitos para que não engordasse. Fazia dietas malucas, nas quais chegava a tomar apenas suco, durante vários dias. Para a atriz, não existia nada melhor do que a sensação de estar com o corpo vazio. Em contrapartida, uma hora ou outra, esse vazio precisava ser preenchido. A partir dessas nuances e dilemas diários, o transtorno da compulsão alimentar apareceu. “Ficava sem comer por muito tempo, depois queria comer tudo o que existia na Terra”, conta.

A família, dentro de casa, nunca reclamou da aparência de Dora. Segundo a atriz, os familiares sempre tiveram mais facilidade para ganhar peso. Os obstáculos da influenciadora estavam relacionados ao que a mente dela tomava como verdade absoluta. O ciclo repetitivo em comer e se punir por cada refeição. Dora não enxergava o que estava causando à própria saúde, tanto física quanto mental. “Para mim, só era um problema se as pessoas chegassem a vomitar por causa disso, como mostravam nos filmes. Porém, entendi, anos depois, que precisava de ajuda.”

Reprodução/ Instagram (@dorafigueiredo)



Depois de entrar na faculdade, Dora entendeu que tinha problemas com transtornos alimentares

Relacionamento, depressão e internet

Dos 14 anos até a fase adulta, os transtornos alimentares assombraram os dias de Dora. Quando entrou na faculdade, decidida a cursar nutrição na Universidade de São Paulo (USP), passou a compreender as problemáticas que vivia. “Eu era muito gordofóbica, em um claro reflexo da sociedade. Esse sempre foi o maior medo, ser gorda. Logo após estudar algumas matérias na faculdade, entendi o que era anorexia e bulimia. Antes, pensava que só seria doença se eu chegasse a pesar 30 quilos”, comenta.

Apesar do esclarecimento sobre o que enfrentava, Dora demorou até que conseguisse reagir. Dias e dias sem comer, mal tinha forças para sair da cama. Na terapia, a pauta de transtornos alimentares passou a ser debatida. As dietas, então, voltaram com força. Dessa vez, entretanto, era questão de saúde, já que a atriz teve de lidar com problemas intestinais graves. Nessa altura da vida, qualquer novo hábito alimentar mais restritivo trazia para o presente memórias do passado. Sobretudo aquelas que Dora carrega como marcas e cicatrizes até hoje.

NAS TELINHAS

Lançado em agosto de 2017, o filme *O Mínimo para viver* conta a história da personagem Ellen, interpretada pela atriz Lily Collins. No longa, a jovem de 20 anos enfrenta dilemas emocionais, psicológicos e físicos provocados pela anorexia. Em uma jornada de autodescoberta, Ellen encontra em um médico não convencional esperanças para tentar se desgarrar da doença.

O caminho não tem sido fácil. Há alguns anos, a atriz precisou superar um relacionamento tóxico, em que o ex-companheiro tentava regradar o que ela comia nas refeições. “Ele ficava me perguntando o que eu estava comendo, porque era uma época em que eu estava engordando”, relembra. Quando termi-

nou o namoro, se sentiu mais livre e viva como nunca antes. Mas, entre as idas e vindas, os problemas familiares, como a perda de audição do irmão, a fizeram voltar para aquele buraco do qual tinha lutado tanto para sair.

Depressão, tristeza e a impotência por não conseguir agir. Novamente, a comida apareceu como uma válvula de escape e o corpo como uma caverna cheia de culpa. Na tentativa de ter algum tipo de autocontrole, pensou em fazer lipoaspiração. Dora acreditava que esse seria o único jeito de resolver os problemas provocados pela compulsão alimentar. “Ainda bem que não fiz o procedimento, pois tenho certeza de que me arrependeria muito”, completa a atriz.

Hoje, Dora acredita que seu corpo não lhe define mais. O prazer em poder comer sem culpa voltou, algo que ela não sentia desde a adolescência. Na internet, onde tem milhares de seguidores, também tenta partilhar a importância de falar sobre padrões de beleza e transtornos alimentares. Depois de sofrer com comentários agressivos nas redes sociais sobre estar engordando, a influenciadora tem encontrado no próprio afeto uma maneira de estar em paz. “Fico feliz de ter reconquistado a minha vida.”